



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FERNANDO MASCARENHAS**

**(depoimento)**

**2011**

## FICHA TÉCNICA

**Entrevistado:** Fernando Mascarenhas

**Entrevistador:** Rodrigo Duarte Ferrari

**Local da entrevista:** Florianópolis

**Data da entrevista:** 25/05/2011

**Processamento da Entrevista:** Rodrigo Duarte Ferrari

**Páginas Digitadas:** 10

**Número da entrevista:** E-286

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Duarte Ferrari intitulada *Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2012.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em setembro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **SUMÁRIO**

Envolvimento do entrevistado com a Rede CEDES; Constituição da Rede CEDES; Pesquisas financiadas pela Rede; Movimento de acesso livre à informação; O Repositório Institucional da Rede CEDES; Ciência e tecnologia voltada para o Esporte e Lazer; A Rede CEDES e a produção do conhecimento; Impacto da Rede nos Programas de Pós-Graduação; As tecnologias digitais de informação e a formação de estudantes de Educação Física.

**Fernando Mascarenhas:** A minha participação na Rede CEDES data logo do início acompanhando a constituição da Rede, considerando que eu ocupava a presidência do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Isso me colocou em contato com a SNDEL<sup>1</sup>, na época dirigida pelo professor Lino Castellani Filho e pelo Luiz Fernando Veronesi que ocupava a direção de Ciência e Tecnologia; e pelo CBCE ocupar a estrutura do conselho do Ministério do Esporte (ME) e obter uma relação próxima ao Lino e Veronesi, pois são figuras que saíram da academia e o Lino já ter ocupado a direção do CBCE; então, eu tinha uma certa proximidade o que me permitiu acompanhar o surgimento e desenvolvimento da Rede, inclusive, opinar sobre esse processo, apesar da Rede funcionar num primeiro momento a partir de demanda dirigida. Ou seja, era o ME que demandava a constituição dos núcleos, o que na minha avaliação é algo perfeitamente legítimo, sobretudo, num momento em que a Rede precisava se constituir com uma certa urgência porque até onde eu sei a Rede CEDES foi uma construção no interior do ME que polarizava em certa medida a Rede CENESP. Por isso foi uma demanda colocada pelo Prof. Lino ao ministro e que teve vazão.

Nesse momento eu não me sentia confortável em constituir a Rede, do ponto de vista do fazer científico, ou seja, agregar a Universidade Federal de Goiás à Rede tendo em vista a relação que eu já tinha com o Lino, de ser ex-orientando no mestrado e doutorado. Minha chegada na Rede efetivamente como pesquisador se dá após a troca da gestão da SNDEL, quando sai o Lino e o Veronesi e entra a Rejane Penna Rodrigues e a Leila Mirtes Magalhães Pinto. Ainda na perspectiva induzida, a primeira gestão da Rejane foi sob demanda induzida, só pouco depois foi construído o primeiro edital; eu fui contatado para construir um projeto e incorporar a rede.

Havia um limite anterior, que para construção do núcleo era necessário que fossem apresentados o mínimo de projetos para dar a cara de uma rede. Por exemplo, a UFSC teria que agregar pelo menos três pesquisadores coordenando três projetos para constituir um núcleo. Essa ideia se perdeu, tanto nesse primeiro momento porque começaram a chamar os pesquisadores individualmente e depois com os editais a concorrência era individual. Vou trabalhar com mais exemplo que já falei publicamente em reuniões da Rede, no que se refere às situações em que um coordenador do projeto A e um coordenador de um projeto B dentro da mesma instituição não precisem conversar, por isso, a ideia de núcleo na minha óptica ela se esvaziou. Foi a partir dessa

---

<sup>1</sup> Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, Ministério do Esporte.

crítica da gestão que foi incorporada pela Leila a ideia do edital; já no segundo edital isso aconteceu com faixas de diferentes valores para pesquisas que envolviam mais pesquisadores ou instituições, integrados. Dessa forma passou-se a trabalhar com uma ideia híbrida que atende tanto o pesquisador individual como os projetos colaborativos.

**Rodrigo Ferrari:** Então você acha que essa iniciativa fortaleceu a ideia de colaboração, de formação de rede?

**Fernando Mascarenhas:** Essa foi uma tentativa de recuperar a ideia de rede, ou melhor, de núcleo. Porque não existiam núcleos, existiam projetos pulverizados, então, isso recuperou a ideia de núcleo. Uma dificuldade que a SNDEL encontrava quando propunha uma reunião de pesquisadores da Rede era quem chamar porque em tese não havia hierarquia entre essas pessoas. Anteriormente existia o responsável, com isso se tenta recuperar essa ideia de núcleo.

Voltando à minha entrada como pesquisador: primeiro, eu sou demandado nessa perspectiva da pesquisa induzida para apresentar um projeto em 2006/2007 sob minha coordenação, envolvendo um leque de outros colegas e professores da UFG cujo tema era a Conferência Nacional de Esporte. Buscávamos construir uma análise observando algumas antinomias, centralização e descentralização, público versus privado e a questão da universalização do acesso. Foi um projeto relativamente simples, baixo custo, aproximadamente vinte mil reais; os núcleos recebiam um aporte bem mais volumoso, mas isso foi suficiente para gente construir ou implementar um laboratório da Rede na UFG. Foram envolvidos três alunos bolsistas e teve um ano de duração. Gerou produto, uma monografia de base que consta no relatório enviado ao ME, produção de um livro que não produto dessa pesquisa que já apontamos no projeto inicial de um livro que reunia outras contribuições de outros professores para servir enquanto apresentação da base teórica de referência de análise de futuras pesquisas aos nossos estudantes de iniciação científica que estavam chegando - uma espécie de cartão de visitas, ou de leitura; vá ler isso aqui, tomar “todinho” para ficar forte e poder contribuir de forma mais elaborada.

A monografia de base deu origem a trabalhos apresentados em congressos, ou seja, não tivemos nenhum artigo em periódico com essa pesquisa. Foi muito importante a chegada da Rede CEDES na UFG pelo fortalecimento do tema políticas públicas no

interior da Faculdade de Educação Física, pois pudemos compartilhar e coordenar a construção da Rede Goiana de Pesquisa em Políticas Públicas em Esporte e Lazer, a partir de um edital da FAPI de Goiás que estimulava a construção de redes temáticas em vários eixos, um deles a de política pública. Por isso construímos uma rede sobre as políticas de Esporte e Lazer envolvendo a universidade estadual de Goiás e também a Agência Goiana de Esporte e Lazer que corresponde a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer. Isso foi realizado como um projeto de maior envergadura e com mais recursos.

**Rodrigo Ferrari:** Esse projeto não estava associado à Rede CEDES, mas a Rede foi importante para alavancar esse projeto maior.

**Fernando Mascarenhas:** Exatamente. A Rede CEDES foi importante para nos qualificar e tocar esse projeto junto a FAPG; um projeto de diagnóstico da estrutura e do marco normativo ou legal referentes as políticas de Esporte e Lazer desenvolvidos em Goiás nos dez maiores municípios do estado. Esse projeto ainda está em curso, sob a coordenação do Professor Wilson Lino e que se desdobrou no próprio projeto de doutoramento dele que é feito com o Observatório do Esporte da UNICAMP, instituição em que está realizando seu doutorado e ainda coordenando esse projeto.

Depois vem o edital com um segundo projeto sobre o tema do financiamento das políticas de Esporte e Lazer dentro do sistema que começava a se construir. A proposta da primeira pesquisa foi monitorar o desenvolvimento das conferências olhando para a lógica da centralização e descentralização, acesso e público versus privado. Nesse eixo de análise, público versus privado, percebemos uma ausência muito grande, uma lacuna no que se refere à estudos no campo dos financiamentos das políticas de Esporte e Lazer, por isso, a ideia de construir um projeto para conhecer melhor esse discussão sobre o financiamento. O objetivo principal era cotejar as resoluções da Conferência com o Plano Plurianual do ME; a lei orçamentária e a execução orçamentária no sentido de ver se o que havia sido na Conferência ganhavam materialidade, isso significa recurso.

Trabalhamos novamente com três alunos de iniciação científica, pois na UFG não temos mestrado, isso nos coloca a necessidade de trabalhar com estudantes de graduação. Por isso sentimos uma dificuldade muito grande, pois esse tema do financiamento, além de ser árido no campo, também é complexo quando você pensa na

formação do estudante de Educação Física. Talvez tenha sido um limite não ter envolvido estudantes de outras áreas; um limite meu como coordenador de não ter projetado essas dificuldades que teríamos em estudar o tema do financiamento, pois passa pela análise de números, planilhas de financiamento, acompanhamento de execução. Uma dificuldade muito grande com relação às fontes de pesquisa, que passavam pelo portal de transparência e pelos dados disponibilizados pelo ME, ou seja, sobre financiamento e o não acesso livre a essa informação.

Em decorrência disso aprendemos muito no que se refere à identificação das fontes de financiamento, o padrão de financiamento do esporte brasileiro, dificuldades que a gestão pública enfrenta na execução. Isso se desdobra no núcleo, quando é preciso devolver dinheiro; imagina isso numa escala ampliada pensando no território nacional. O resultado desse trabalho, na minha avaliação é frágil, tivemos uma monografia de base seguindo a lógica que eu trabalho, que foi produzida sobretudo pelos bolsistas, a mesma contou com a revisão de consultores da própria rede CEDES. Mas a finalização desse projeto ocorreu no mesmo momento em que eu estava saindo da UFG, início de 2009. O projeto começou em início de agosto de 2008 e iria até julho de 2009 e em maio eu fui redistribuído para UNB, por isso eu acompanhei a continuidade do trabalho à distância. A finalização foi difícil, mas gerou uma monografia de base que consta no nosso relatório. A difusão disso não ocorreu, porém gerou curiosidade de pesquisa e esse é um papel importante da Rede CEDES, pois a própria Rede é questionada em relação à qualidade dos produtos das pesquisas. Pouco se avalia a Rede CEDES em relação ao seu potencial formativo de pesquisadores. (Se você hoje está fazendo mestrado nesse campo da gestão do conhecimento é porque teve sua curiosidade científica despertada enquanto aluno de iniciação; parte de um laboratório que para sua estruturação contou com financiamento da Rede CEDES).

Por isso a Rede CEDES desempenha um papel muito importante no campo da Educação Física e nessa perspectiva de jovens pesquisadores. Falo isso porque desse projeto de financiamento, pois dos três bolsistas dois estão fazendo mestrado e um deles buscando estudar esse tema do financiamento, portanto, no tempo de média e longa duração eu acho que esse projeto financiamento ainda vai gerar melhores desdobramentos.

Um registro importante: quando eu sai da UFG mais um projeto chega a UFG sob demanda induzida com o tema de práticas corporais em comunidades quilombolas.

As professoras Rejane e Leila estiveram na UFG e demandaram à professora Ana Márcia Silva e professor José Luiz Falcão para construir um projeto sobre esse tema, na comunidade de Cavalcanti. Inclusive essa demanda induzida é a mesma do próprio projeto do Repositório, mais uma vez eu acho importante e legítima esse tipo de iniciativa.

Até o final da minha gestão como Presidente do CBCE, 2005 a 2009, de alguma forma eu contribuí no debate da Rede CEDES, pensando nela enquanto componente da política voltada à ciência e tecnologia e inovação no campo do Esporte e Lazer que, muitas vezes, encontrava parceiras; exemplo disso foi o primeiro CONBIDE, em que o CBCE integrou a comissão organizadora no primeiro e segundo. No primeiro CONBIDE o CBCE apoiou uma iniciativa que foi de oficina sobre o SEER. O CBCE é com a assessoria do professor Ari Lazzarotti Filho protagonizou a indução da entrada dos periódicos da Educação Física no sistema SEER; eu escutei muito cedo o Guego (Ari Lazzarotti) com essa ansiedade de jogar para dentro a difusão da Educação Física na política de acesso livre ao conhecimento, isso também porque eu fui editor da revista *Pensar a Prática* junto com o Guego e nós apostamos nisso. Conhecemos o SEER via IBICT, então, o Guego teve todo apoio do CBCE para tocar esse projeto, pois era de nosso interesse transformar a revista do CBCE no formato *on line* e que todos os periódicos fossem nessa direção. Portanto, no CONBIDE<sup>2</sup> nós tivemos uma oficina voltada para os periódicos na própria sede do IBICT e que depois de desdobrou no que vemos hoje: quase todos os periódicos da Educação Física no SEER.

Isso cobriu uma lacuna que foi a do CEDIME<sup>3</sup>, que nunca funcionou de fato. Nessa mesma direção, depois veio o SOAC que, numa perspectiva de longa duração, pode ser considerado o repositório do CBCE no que se refere aos seus vários congressos, desde o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) aos regionais. A gente investe pesadamente no SOAC, não em termos financeiros mas em energia, porque isso demandou muita articulação política e muito trabalho. O Guego também tinha mais uma ideia e essa não conseguimos avançar que era o SIRIÁ, que gerou a ideia do Repositório da Rede CEDES e que tem potencial para ser o repositório do ME. Eu acompanhei à distância a construção do Repositório, está sediado na UFSC pois o Ministério encontrou no Giovanni de Lorenzi Pires e no Labomídia uma maior

---

<sup>2</sup> Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva.

<sup>3</sup> Centro de Informação e Documentação do Ministério do Esporte.



ossatura para viabilizar o projeto e o fizeram muito bem: de fato vocês são uma referência para o Brasil no que se refere a esse tema. O Giovani topou o desafio e ele já disse isso em alguns momentos que era algo novo para ele também, com uma coincidência temporal do Guego que já dominava o SEER e o SOAC estar sediado na UFSC para fazer seu doutorado e contribuir e assessorar isso também. Eu acho que esse movimento foi muito interessante, saímos de uma Educação Física brasileira que 5 anos atrás tinha acesso a produção via papel e hoje temos fontes de pesquisa e a difusão científica potencializada. Isso é o que chamamos de inovação; a Educação Física brasileira viveu uma inovação muito grande e isso se deu com a política de acesso livre ao conhecimento.

Se o SEER e o SOAC já se consolidaram porque eles acabaram veiculando formas tradicionais de difusão com as revistas e congressos, o Repositório talvez ainda não tenha sido tão bem acolhido pela comunidade porque ele não parte do velho. O SEER e o SOAC significam o novo que se constrói a partir do velho enquanto o Repositório é algo novo e tem um potencial que precisa ser melhor explorado pela comunidade.

**Rodrigo Ferrari:** Uma das coisas que identificamos em relação ao Repositório é que ele funciona a partir de outra lógica, em que o pesquisador tenha a formação e consciência de que a disponibilização de sua produção de forma organizada e de livre acesso é importante e deve partir dele. Nos congressos ou periódicos existe outro interesse, principalmente no sistema de avaliação. No Repositório o compromisso é basicamente com a sociedade no sentido de disponibilizar o conhecimento.

**Fernando Mascarenhas:** Eu acho que tem um dado em sua fala que talvez seja o mais significativo: o retorno para o pesquisador no que se refere à avaliação, principalmente dos periódicos, onde existe interesse (avaliação) dos pesquisadores em publicar nesses espaços, enquanto no Repositório ganha menos o pesquisador e mais o campo. Eu queria chamar a atenção para outro dado que ainda não aparece na sua avaliação: o Repositório da Rede funcionaria melhor se a Rede de fato funcionasse como uma rede, no que se refere ao trabalho colaborativo. Quando os pesquisadores da Rede CEDES eram chamados a se reunir o debate sempre passava pela construção da Rede, os desafios que encontrávamos enquanto Rede. Nunca nos pautamos nessa dificuldade em

desenvolver um trabalho colaborativo no cotidiano; talvez fosse interessante que a Rede já tivesse um espaço ao longo de sua construção de difusão presencial de seus trabalhos. Congressos ou encontros da Rede em que pudéssemos conhecer os trabalhos uns dos outros para criar unidade, e ao conhecer o que outros grupos estão produzindo, buscar acessar. Fora isso, faltou maior diretividade por parte do ME, mas ainda pode acontecer em futuros editais no sentido de vincular a necessidade de que os relatórios das pesquisas sejam apresentados via Repositório. Aliás essa foi a observação de uma pesquisa feita pela Rede CEDES coordenada pela Gisele Schwartz da UNESP, de que existisse algum tipo de vínculo e obrigatoriedade da difusão. Não foi citado o Repositório nesse caso, mas eu acho que o Repositório guarda esse alvo.

Eu acho que se deve elogiar essa posição do ME da necessidade de construir algo enquanto alternativa ao CEDIME que foi algo que não vingou. O ME estabelece esse tipo de parceria porque não tem mesmo pessoal no dia-dia para tocar um projeto como esse. Nem pessoal e acúmulo, conhecimento, *know-how* para isso. Então, eu acho que as universidades devem ocupar esse espaço e esse é o papel da Rede e é elogiável a percepção das gestoras em escolher. A UFSC, se não me engano no segundo CONBIDE, que perceberam esse movimento do Giovani e Ari e no que se falava de acesso livre ao conhecimento.

O Repositório é algo que inova o campo no que se refere às formas de difusão e de troca, por isso acho que o campo ainda não acolheu o Repositório tão bem assim. Acho que esse é mais um dado que você deve considerar: o Repositório chega no final da gestão, num momento de incertezas com relação ao futuro da própria Rede CEDES. Já vamos para quase seis meses de virada de governo e não há nenhuma anúncio com relação a continuidade da política, ao contrário, o que existe são pistas de que vai mudar muita coisa e não sabemos bem o que vai mudar, o que gera incertezas com relação ao próprio desfecho ou continuidade dessa iniciativa do DCTEC<sup>4</sup> voltada a constituição da Rede CEDES. Nesse quadro, acho que os próprios pesquisadores estão esperando ver no que vai dar para colocarem o material no Repositório.

---

<sup>4</sup> Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, Ministério do Esporte.

**Rodrigo Ferrari:** Essa instabilidade deu uma aquecida, eu avalio que seja pequena pois deveria haver uma mobilização mais forte pela própria rede de pesquisadores para que ela se legitimasse como Rede, com certa autonomia do ME, pois o ME é apenas um participante e não a Rede.

**Fernando Mascarenhas:** Eu discordo. A Rede não é propriedade do ME mas sem o ME não existe a Rede. Sem financiamento não há Rede, sem dinheiro não há pesquisa. É preciso recurso público na construção da Rede essa foi uma tecla em que a direção do CBCE bateu forte; apontamos pela necessidade de criação de um fundo com dotação orçamentária fixa justamente para que não ficássemos à mercê da descontinuidade em função da transição de governo. Sem o Estado não existe a Rede. A Rede, para não depender de governo, precisa de uma política de financiamento mais contínua e duradora, por isso apontamos para a construção de um fundo setorial vinculado a Lei Piva; uma iniciativa que não encontrou apoio por parte do ME que apontou outra fonte que seria recursos da lei de incentivo em patamares bem inferiores; foi aprovada a construção do fundo setorial do esporte na Conferência Nacional do Esporte, mas um fundo sem fonte, ou seja sem fundo. Vivemos uma total insegurança com relação às fontes de financiamento, às cifras. 1 milhão a cada ano, que se repetiu durante quase todo segundo mandato, esse recurso é muito baixo em relação à outras políticas e programas. A Rede CEDES é uma ação que integra o PELC<sup>5</sup>; a Rede CENESP se constitui a partir de um conjunto de cinco ou seis ações que estão vinculadas a uns cinco ou seis programas diferentes, por isso, mapear o que é a Rede CENESP do ponto de vista da estruturação, núcleos e financiamento é muito mais difícil e a Rede CENESP não tem uma preocupação de uma autoavaliação. Eu desconheço estudos e qualquer relatório ou material sobre a Rede CENESP. Acho que Rede CENESP e Rede CEDES deveriam andar juntas. A criação de um DCTEC vinculada a uma secretaria finalística (SNDEL) e da rede CENESP a outra secretaria (Esporte de Alto Rendimento) traz dificuldades ao desenvolvimento da ciência e tecnologia voltada para o Esporte e Lazer com um todo orgânico. Eu penso que um DCTEC, olhando a atual estrutura do ME, teria um potencial maior se fosse vinculada à Secretaria Executiva que, alias, é algo que está em curso pelos rumores. Tanto é que hoje é um cargo vago: um diretor de Ciência e Tecnologia; com a saída da Leila não houve a nomeação de outro diretor

---

<sup>5</sup> Programa Esporte e Lazer na Cidade.

enquanto a Secretária continua ocupando seu cargo. A Leila já foi exonerada, não tem mais vínculo. Parece que há em curso um redesenho do ME e parece que vai haver um deslocamento da Rede CEDES para Secretaria Executiva junto com a Rede CENESP. Eu acho isso positivo, mas como sou mais afeto pelo campo da Educação Física nas áreas sociais e pedagógicas tenho um certo temor pois isso representa uma mudança muito grande e, como essa decisão não é compartilhada com os pesquisadores, esses temores se justificam pois ao que tudo indica essas decisões vão ser realizadas de forma verticalizada. Eu acho que o campo e o CBCE deveriam ser chamados para discutir isso.

**Rodrigo Ferrari:** Você poderia falar um pouco mais sobre o acesso à informação e conhecimento científico no tange a formação do nosso campo? A importância dessas informações estarem disponíveis no meio digital e como você observa isso como política pública?

**Fernando Mascarenhas:** Hoje eu sou coordenado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, é importante datar a entrevista. A PPG constitui espaço onde temos a produção científica brasileira ocorrendo de um modo mais sistemático e institucionalizado. De acordo com os debates que ocorreram nesses dias a Educação Física deu um salto enorme no que se refere à veiculação, ao número de artigo e livros publicados; não tenho os dados mas tenho a impressão de que na área sócio-pedagógica há uma relação muito forte da construção da Rede e do aumento do número de artigos e livros, pois essa foi uma política induzida pela Rede CEDES. Havia um item nos editais em que o relatório das pesquisas deveriam ser realizados na forma de livros, portanto, eu acho que a Rede CEDES fortalece a área no âmbito das universidades brasileiras. Isso em certa medida é um tema da PPG, pois ainda existe um hegemonia das áreas duras na Educação Física. Um dos desdobramentos desse movimento foi o Qualis Livro, ou seja, considerar o livro na produção intelectual e acadêmica, algo que não acontecia anteriormente. Em paralelo a esse movimento, nós da área sócio-cultural, buscamos qualificar nossos periódicos nos últimos anos e essa qualificação passa pelo seu potencial de difusão. Vemos que os periódicos que apostaram na plataforma SEER estão apostando nas publicações em língua inglesa na perspectiva da internacionalização. O caso das revistas Movimento e Pensar a Prática que chamaram essa responsabilidade para si, de traduzir do português para o inglês os

artigos publicados. Há um processo quantitativo e qualitativo crescente (mais livros, artigos) de publicações a partir do fomento que foi dado pela Rede CEDES, inclusive, o ME financiou algumas dessas revistas, Pensar a Prática, Movimento, Revista brasileira de Ciências do Esporte, Revista Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e essas revistas se qualificaram de acordo com a CAPES.

Outro aspecto importante é a formação de nossos alunos pois na graduação é muito mais fácil você apresentar para seus estudantes fontes de pesquisa, por exemplo, apenas divulgando os *links* dos periódicos você já disponibiliza uma vasta possibilidade de pesquisa. O acesso para os alunos da graduação foi facilitado dentro de uma linguagem (digital) mais compatível com a formação deles, ou seja, vejo um potencial muito grande na implementação de trabalhos de iniciação científica que é pouco explorado no que diz respeito ao acesso à informação e conhecimento científico. Eu digo isso por experiência própria, pois agora que eu começo a trabalhar mais com o SEER e o SOAC na graduação pois eu venho desenvolvendo uma experiência de Educação à Distância na UNB dentro da plataforma MOODLE onde eu faço uso do SEER e SOAC para aproximar os alunos da produção acadêmica da Educação Física.

É difícil mensurar isso. O que o campo ganhou? Acho que quem tem que responder isso é você. Há cinco anos atrás tudo isso era impensável, era tudo no papel. Não dizer que isso é mérito da nossa gestão do CBCE, mas tivemos um papel importante nesse processo, cujo protagonista foi o IBICT. Fica o desafio para construção de um portal como o SIRIA que consiga ter uma maior abrangência na Educação Física brasileira.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

